

Uma investigação empírica acerca das implicações da relação  
escola e família na formação do aluno

An empirical investigation on the implications of the school and  
family relationship on student success

Una investigación empírica acerca de las implicaciones de la  
relación escuela y familia en la formación del alumno

Vanessa Cristina Santos de Farias Junger<sup>1</sup>

Anderson Alves Ribeiro de Oliveira<sup>2</sup>

Amanda Post da Silveira<sup>3</sup>

### Resumo

Neste artigo, buscamos investigar, através de revisão da literatura e de análises quantitativas de um questionário estruturado, os possíveis fatores da relação escola-família que repercute na apreciação dos alunos pela escola, bem como em resultados de sucesso escolar. Os resultados obtidos através da aplicação de um questionário a alunos de ensino básico e médio indicam que os fatores família e escola são relativamente negativos, pois, de modo geral, não apresentam uma integração efetiva e atuante na vida escolar dos estudantes. Contudo, os estudantes tem uma apreciação positiva da escola, vendo-a como um meio de ascensão socioeconômico. Os alunos brasileiros, de modo geral, não alcançam fatores de sucesso frente as avaliações escolares internacionais. Vemos a necessidade de uma integração entre família e escola no acompanhamento da

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade Potiguar e mestranda em Educação. E-mail: nessa.jungerjh@gmail.com

<sup>2</sup> Graduação em Letras - Português/Inglês pela Universidade Potiguar - UnP (2018). Especialização em Língua Latina pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (Em andamento). Atualmente é Bibliotecário e Professor do Centro Avançado de Ensino - CAde. Atua também como Professor no Lógico Cursos Aliados e no Curso de Idiomas Yázigí. E-mail: anddeoliver@gmail.com.

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras Licen. - hab. Inglês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), É Mestre em Letras - Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM e doutor pela Universidade Radboud, Donders Institute for Brain, Cognition and Behaviour, em Nijmegen, Países Baixos Professora de Língua Inglesa, Fonética, Aquisição da Linguagem, Estágio Supervisionado, Linguística Geral e Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira. E-mail: psyphon.ap@gmail.com.

formação discente.

**Palavras-chave:** Escola. Família. Investigação empírica.

### **Abstract**

In this article we investigated possible factors in the relationship between school and family that may have an impact in students' appreciation for school as well as in their academic success. We do so through a literature review and the quantitative analyses of a structured questionnaire. Results showed that, although students' appreciation for school is very positive, their general performance is low compared to the world average. Our study indicate that it may be the result of a relatively low family and school management participation in students' academic development. Given the scope of this article, we point that creating programs to promote a better integration between family and school may be a way for students to achieve better academic success ratings.

**Keywords:** School. Family. Empirical investigation.

### **Resumen**

En este artículo, buscamos investigar, a través de una revisión de literatura y de análisis cuantitativo de un cuestionario estructurado, los posibles factores de la relación entre escuela y familia que repercute en la apreciación de los alumnos por la escuela, así como los resultados del éxito escolar. El cuestionario aplicado a alumnos de escuela básica y media indican que los factores familia y escuela son relativamente negativos, pues de modo general no presentan una integración efectiva. No obstante, el alumno tiene una participación positiva de la escuela, la viendo como un medio de crecimiento socioeconómico. Sin embargo, esta participación positiva no alcanza factores de éxito frente las evaluaciones escolares internacionales. Visto el alcance de este trabajo, vemos como una posible solución para esa paradoja, la necesidad de una integración entre familia y escuela en el acompañamiento de la formación de este alumno.

**Palabras clave:** Escuela. Familia. Investigación empírica.

### **Introdução**

A educação pública brasileira manifesta-se, no entendimento coletivo, como desigual e deficitária. Estudos que avaliam a estrutura e o rendimento do ensino básico nacional, como o Censo Escolar e as provas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), corroboram este fatídico parecer. É inegável que a desvalorização do ensino, a depreciação da carreira docente e o descaso com políticas públicas significativas para as famílias brasileiras refletem nestes números.

Neste sentido, após observações na rotina de uma escola da rede pública estadual do Rio Grande do Norte e escola privada, no município de Parnamirim, exigidas pela disciplina de estágio supervisionado, no decorrer do curso de licenciatura em Letras Português-Inglês, notou-se, nestas realidades, que a conduta familiar e sua relação de entrosamento com as escolas influenciavam, expressivamente, o comportamento e o rendimento dos alunos e, ainda que estas escolas investissem em ações para melhorar a aprendizagem ou aproximarem-se das famílias, os resultados esperados não eram alcançados.

Com isso, ao longo dos dias de estágio, a necessidade por investigar estas duas instituições sociais na construção do aluno como ser social, intensificou-se, sobretudo, após pesquisas sobre os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das escolas visitadas abaixo das metas e dados de organismos internacionais, como Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para a Educação, que revelaram resultados preocupantes acerca da aprendizagem dos alunos das escolas brasileiras.

No decorrer das visitas às escolas, percebemos que as salas de aula nunca estavam completamente cheias, a ausência era alta, o comportamento dos alunos era demasiado hostil e uma professora nos revelou não poder passar atividades para casa, pois sabia que os alunos não as concluiriam. No intuito de explorar preliminarmente a relação família-

escola e compreender algumas das implicações que o distanciamento ou aproximação entre as duas instituições causam na apreciação dos alunos pela escola, buscamos através do estudo bibliográfico e empírico, os recursos necessários para o andamento desta investigação.

Entende-se que família e escola “emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social” (DESSEN & POLONIA, 2007, p.22).

A família, em suas muitas configurações, é fundamental para a manutenção da sobrevivência, socialização, proteção, afetividade e organização da vida. E, a escola é, tradicionalmente, responsável pela instrução e apropriação de conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento do aluno no seu processo de ensino-aprendizagem e preparação para o trabalho. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) (BRASIL, 1996) em seu Título II, Artigo 2º que

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Segundo a LDBEN (BRASIL, 1996), em seu Título III, Artigo 4º, o Estado tem o dever de fornecer escola fundamental e média pública e gratuita, de modo que se deve ler o excerto acima onde diz “dever da família e do Estado” como “dever da família e da escola pública”. Ainda que as instituições família e escola tenham papéis relativamente diferentes, é imprescindível que colaborem uma com a outra, pois uma complementa a outra e o objetivo de ambas é a formação de um jovem crítico-reflexivo acerca da sua própria realidade e dotado de princípios e valores que sejam significativos à prática social cotidiana (FREIRE, 2016).

Deve-se resaltar que, conforme a LDBEN (BRASIL, 1996), o Estado não se exime de exercer a mesma responsabilidade que exerce sobre as escolas públicas também sobre as escolas particulares, pois a lei prevê em seu Título III, Artigo 7º que

O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

- I. cumprimento das normas gerais da educação nacional e do respectivo sistema de ensino;
- II. autorização de funcionamento e avaliação de qualidade pelo Poder Público;

Desse modo, equipara-se o papel das escolas particulares ao das escolas públicas quanto a deverem atenderem os princípios fundamentais da educação nacional e estarem sujeitas a autorização e avaliação pelo Poder Público. Portanto, ao utilizar-se o termo escola, trata-se da instituição escola como prevista pelo Estado na LDBEN (BRASIL, 1996).

Muitos estudos a respeito da relação família e escola foram desenvolvidos ao longo das últimas décadas, entretanto, um livro intitulado *Por Dentro da Escola Pública* de Vítor Henrique Paro (1996), inspirou profundamente esta pesquisa, uma vez que trouxe à luz uma visão crítica e objetiva da escola pública brasileira no final dos anos 1980 e início da década de 1990. É surpreendente como a análise de Vítor Paro se aproxima dos dias atuais no tocante ao papel da família e da escola e a relação dicotômica entre ambos. Os depoimentos coletados pelo autor são, praticamente, os mesmos proferidos pelos alunos, professores e pais em nossos campos de estágio. Muitos entrevistados daquela época já diziam ver a necessidade de uma complementariedade entre o trabalho da escola e o das famílias na educação dos jovens (PARO, 1996). Assim sendo, é interessante avaliar se esta relação evoluiu nos dias atuais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (BRASIL, 1990) em seu 53º artigo, estabelece como direito da família, a ciência do processo pedagógico e a participação da definição das propostas educacionais e, em consonância a este fato, o artigo 12º da LDBEN (BRASIL, 1996) prevê que a escola tem a incumbência de articular-se com as famílias e comunidades, criando processos de integração com sociedade. Portanto, é inegável que esta parceria seja efetivamente consolidada, uma vez que estabelece uma relação de direitos e deveres previstos nos documentos oficiais que regem o comportamento e as ações dos indivíduos.

Portanto, com base nas inquietações apresentadas e no desejo de

colaborar para com a valorização da participação ativa destas instituições na transformação dos estudantes, este trabalho objetiva compreender a relação família-escola a partir da análise de suas atribuições na formação e na construção do aluno/indivíduo, as implicações do distanciamento e os benefícios da aproximação desta relação no processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, foram propostas como questões norteadoras: 1) O aluno percebe que há envolvimento da família nas suas atividades escolares? 2) O grau de envolvimento da família, reportado pelo aluno, implica na apreciação do aluno pela escola? 3) O grau de envolvimento da família, reportado pelo aluno, implica na sua perspectiva de vida profissional através da escola? 4) As respostas das três perguntas anteriores variam conforme a série e idade dos alunos?

Trata-se de uma pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, composto pela revisão bibliográfica e levantamento de dados a partir de um questionário estruturado, elaborado com questões fechadas. O *rationale* de elaboração de cada questão do referido questionário e os métodos de análise serão minuciados na seção 3 da metodologia.

As informações levantadas abarcam a rotina das escolas e das famílias a partir do olhar dos alunos. A aplicação do questionário ocorreu entre abril e maio de 2018, sendo aplicado em turmas dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental-Anos Finais e 1º a 3º anos do Ensino Médio. O questionário foi respondido por 82 alunos ao todo.

Além desta seção introdutória, que objetivou apresentar a temática desta pesquisa, justificativa, objetivos e uma breve explanação acerca da metodologia desenvolvida, a etapa seguinte discorrerá acerca do papel destas instituições sociais no desenvolvimento do aluno e na construção do indivíduo frente à sociedade contemporânea e as implicações da aproximação ou afastamento da relação família-escola na perspectiva de futuro dos alunos.

A terceira seção apresenta, detalhadamente, metodologia de pesquisa, explicitando todas as etapas desde a escolha das escolas, turmas, o tipo de questionário aplicado aos alunos, bem como os resultados

preliminares.

A quarta e quinta seções subsequentes apresentam, respectivamente, os resultados e discussões acerca dos dados obtidos, este último, seguido das considerações finais.

### **Referencial teórico - escola e família: suas funções sociais na construção do sujeito**

O propósito deste capítulo é apresentar reflexões a respeito dos papéis destas duas instituições na construção do aluno/indivíduo e discorrer sobre as possíveis implicações que a recusa desta correlação poderá acarretar no futuro dos jovens estudantes. As contribuições de expressivos autores em diferentes esferas da área da educação foram fundamentais para embasar vigorosamente este estudo.

#### **A família e sua função socioeducativa**

A família é o primeiro núcleo de convívio social do ser humano e, teoricamente, sua função é promover o desenvolvimento físico, moral e intelectual. (GUZZO, 1990); (DESSEN & POLONIA, 2007). Nessa perspectiva, a família tem como atribuição preparar seus filhos para uma relação produtiva com o mundo dotada de responsabilidades e valores.

Bernard Lahire (1999), considera que o ator social se constitui por meio de interações sociais, adquirindo um patrimônio de disposições que passa a orientar suas ações, como um senso prático, nos contextos subsequentes. Em seus estudos, o teórico retrata as famílias como produtoras de métodos para a difusão do capital cultural e que de certo modo, algumas delas, com maior êxito, se favorecem da formação cognitiva, relacionadas ao contexto escolar de seus filhos. (LAHIRE, 2007).

Assim, pode-se inferir que pais ou responsáveis que têm maior convivência com o contexto educativo e valorizam o capital cultural tendem a influenciar o potencial escolar de seus filhos. Alves (2010, pp. 454), afirma que “a natureza e a intensidade dos investimentos de caráter escolar variam também em função da manutenção da posição social atual ou da possibilidade de ascensão”, portanto, ratificando a ideia de que a família é a

primeira incentivadora neste processo.

Não pretendemos isolar, exclusivamente, o fato de o sucesso dos alunos estar ligado apenas à presença parental na vida escolar dos estudantes, há diversos outros fatores possíveis para o desenvolvimento positivo ou negativo dos alunos. Contudo, um estudo realizado pela OCDE, a partir dos resultados do PISA (exame internacional da entidade), divulgado em 2016, revela que a maior participação dos pais resulta em melhores notas e contribui para a redução da reprovação e evasão.

Celso Antunes (2013, p.119), em seu livro *9 Passos para uma Escola Pública de Excelente Qualidade*, assinala, segundo dados do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Centro de Políticas Públicas do Insper (FEV/2009):

- “8 em cada 10 escolas públicas brasileiras de boa qualidade apontam o envolvimento familiar como uma das mais importantes estratégias de seu sucesso;”
- “A possibilidade de abandono da escola cai 60% quando os pais se fazem presentes nas atividades escolares cotidianas;”
- “As notas dos filhos aumentam em torno de 20% com a maior aproximação parental na rotina escolar”;

Isto reforça e justifica o aumento do número de discussões sobre esta temática, inclusive, os documentos oficiais norteadores da educação e da sociedade brasileira, já mencionados no item 1, para os jovens até 18 anos, tais quais, a LDBEN (BRASIL, 1996) e o ECA (BRASIL, 1990), ressaltam a necessidade da participação da família nos contextos escolares e a escola como fomentadora desta relação. O intuito é a combinação de ações que promovam o desenvolvimento sociocognitivo dos jovens estudantes.

Neste sentido, o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, considerando os atores da comunidade escolar na construção de estratégias efetivas para o desenvolvimento dos alunos, tem a competência necessária para orientar e articular estas intervenções.

Veiga (1998) salienta o papel do projeto político-pedagógico, ao se



constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão.

As famílias precisam compreender a importância que a participação proativa no cotidiano escolar representa para si mesmas e para construção de uma comunidade engajada na aprendizagem significativa em prol de seus filhos, sobretudo, nas camadas populares. (NOGUEIRA, 2002; LAHIRE, 1997). Este ato simboliza uma forma de consciência pensada para a coletividade.

### **A escola e sua função sociointegradora**

A escola constitui-se como um local específico capaz de proporcionar o acesso à educação formal, sistematizada, organizada, curricular e programada, em síntese, é o lugar onde se ensina, tal qual descreve o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010). Os artigos 4º e 6º, da Lei nº 12.796 de 2013, que altera a Lei 9.394/96 para a formação dos profissionais da educação e outras providências, preconizam, respectivamente, para o acesso às instituições de ensino:

Art. 4º- É dever do Estado promover educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade;

Art. 6º- É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.

Sendo assim, é neste espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela (REGO, 2003).

Entretanto, o papel da escola transcende suas atribuições sistemáticas, pois, considera-se, no senso popular, a escola como a extensão do lar dos estudantes, uma vez que um terço do dia é destinado a

permanência destes nas instituições de ensino, e o seu contato com este ambiente inicia-se desde muito cedo na rotina das crianças. Isto implica na dimensão do trabalho complementar e evolutivo que a escola exerce concomitante ao das famílias e diante das transformações na sociedade contemporânea, a escola tem sido fortemente cobrada a ocupar novos espaços na vida dos estudantes.

Marques (2001, apud DESSEN & POLONIA, 2007, p. 26) reforça o objetivo da escola, no século XXI, como incentivadora primordial do potencial do aluno, sem desconsiderar seus aspectos socioculturais na aquisição de novos saberes e, sob este ponto de vista, ele sinaliza três pontos fundamentais a serem buscados pela escola contemporânea, tais quais: I- estimular e fomentar o desenvolvimento em níveis físicos, cognitivos, moral, afetivo e de personalidade; desenvolver a consciência cidadã; III- promover uma aprendizagem contínua, diversificando o ensino e propiciando condições para a inserção no mercado profissional.

É importante reforçar o fato de que nenhuma das instituições substitui a outra, escola e família têm papéis igualmente cruciais na orientação e construção do caráter social e intelectual dos jovens aprendizes. Portanto, nossa intenção é discutir com equidade a relevância destas duas instituições sociais para o cumprimento efetivo de seus objetivos no sucesso dos alunos.

### **Escola e família: superando o desencontro**

Em conversas informais com familiares, há um consenso quanto ao pensamento de que a escola só os solicita para reclamar de seus filhos e muitos se queixam de serem chamados somente nos momentos de tensão entre a escola e os estudantes, causando gradativamente a antipatia e o afastamento destes pais.

Há famílias que relatam procurar a escola de maneira espontânea, mas nem sempre são bem acolhidos ou recebidos dentro do horário em que suas vidas conturbadas ou atarefadas permitem.

Por outro ângulo, observamos durante este processo de estágio, o esforço da gestão das instituições em promover alguns encontros ou

reuniões na tentativa de aproximar os responsáveis dos alunos, entretanto, também não obtiveram sucesso na empreitada. A cultura do distanciamento, de fato, mostrou-se arraigada.

A educação brasileira não anda acompanhando as transformações na dinamicidade vivida pela sociedade contemporânea. Retomando o texto de Vítor Henrique Paro (1995), compreende-se, no pensamento e nas atitudes, mesmo com os avanços tecnológicos e a era da informação em tempo real, a família e a escola parecem viver, ainda, presas às configurações clássicas das escolas, nas quais cada uma destas instituições tinham suas funções separadamente e não se articulavam. Nesse sentido, vemos, também, famílias transferindo ou, até mesmo, imputando a responsabilidade de suas atribuições para escola. Parolin (2010), reflete sobre a educação atual,

Sabemos que a família precisa da parceria da escola, que ela sozinha não dá conta da educação e socialização dos filhos; sabemos, também, que as crianças e jovens estão desatentos na escola por não receberem atenção em suas famílias, e como decorrência, apresentam dificuldades de aprendizagem e de relacionamento, mas está difícil dar passos decisivos, competentes para resolver essa questão. (PAROLIN, 2010, p. 14)

Em convergência aos estudos de Celso Antunes (2013), Parolin (2010) evidencia a premência na ressignificação do conceitos e reconstrução de novas práticas para atender aos alunos da atualidade.

Com base em escolas públicas que conquistaram o êxito no IDEB, Antunes (2013) ressalta que é ideal que família e escola unam-se pelo sucesso da educação, mas que acima de tudo, este é um compromisso que as duas instituições devem assumir. O autor reforça que gestores, pais e docentes devem tentar até o impossível a proximidade pautada na fraternidade e afetividade. Segundo o autor, há algumas possíveis estratégias para a articulação destes núcleos na contribuição para com o desenvolvimento dos estudantes, tais quais:

- Acompanhamento do desenvolvimento intelectual e social dos filhos;
- Apoio mútuo no estabelecimento de limites no comportamento;
- Empenho em assumir quadro de valores e princípios;

- Envolvimento nos projetos pedagógicos da escola;
- Cooperação das famílias como recursos humanos para atividades;
- Ajuda nas tarefas escolares dos filhos;
- Atividades recreativas na escola, gincanas envolvendo pais e filhos, campanhas filantrópicas, diplomas de honra ao mérito para as famílias mais envolvidas;
- Aulas semanais de informática, inglês, culinária ou costura a fim de manter a presença dos pais na escola;

O entrosamento depende do engajamento e certo grau de comprometimento de ambas as partes. Vale lembrar que as ações previamente executadas, poderão influenciar indubitavelmente no futuro destas crianças.

A seguir, guiados pelo referencial teórico debatido nesta seção sobre o papel da família e da escola no sucesso escolar dos educandos, descreve-se a metodologia utilizada para de certo modo “medir” os fatores que influenciam a apreciação dos educandos pela escola, e o envolvimento da família e da escola, conforme por percebido pelos estudantes em seu processo educativo.

## **Metodologia**

### **Campo de investigação: descrição das escolas de proveniência dos participantes**

O primeiro passo deste processo empírico abarcou a necessidade de explorar nossos campos de estágio e relacionar o afastamento entre família e escola com o comportamento e rendimento negativo dos alunos.

As escolas onde o questionário foi aplicado são as escolas em que os dois primeiros autores realizaram estágio supervisionado de língua portuguesa. A escola A contempla o Ensino Fundamental nos anos finais e pertence à rede pública estadual, localiza-se na zona leste da cidade de Natal, Rio Grande do Norte (RN). Comporta alunos de classe C (baixa) com perfis bem variados e, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade social. Além disso, conta com fatores de carência familiar, em que muitos deles não possuem pai ou mãe.

A escola B, de Ensino Médio, situa-se no centro do município de Parnamirim, RN, e, assim como a escola A, promove o ensino na modalidade regular (público com a faixa etária adequada às séries). Esta instituição pertence à rede privada e comporta uma série de alunos com renda familiar mediana. A escola B concede o valor das mensalidades, razoavelmente, acessível em comparação às demais escolas da região. Devido a isso, o público varia entre as classes média e baixa.

Assim, o instrumento de coleta de dados constituiu-se de um questionário cujo objetivo foi trazer índices de possíveis influências no comportamento do aluno/estudante, que corroboram para um déficit de aprendizado ou, simplesmente, uma falta de preocupação com o ensino. Dentro dessas questões há quesitos em relação ao grau de escolaridade das famílias e o interesse das mesmas no contexto escolar (participação em reuniões, auxílio nos estudos, entre outros) de seus filhos; qual o desejo do aluno em estar na escola e o porquê; quais as suas motivações; se possuem auxílio em casa para a execução das suas atividades; e com que frequência a escola requisita a presença dos seus pais.

A coleta de dados foi feita através de um questionário estruturado, com questões fechadas no qual buscou-se identificar fatores que compunham a formação do aluno, partindo das influências decorrentes da sua casa (família) e como isso corroboraria para as práticas relacionadas a sala de aula. É importante destacar que o contexto em que o aluno vive contribui para sua formação intelectual e cidadã. Ou seja, com um ser pensante, aquilo que ele vive, ouve e vê ajudam a criar memórias que vão permanecer como fatores positivos ou negativos na construção de aprendizado e no seu sucesso ou insucesso escolar.

## **Participantes**

**Aplicado em turmas dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais (escola A) e turmas de 1º a 3º anos do Ensino Médio (escola B). A pesquisa abrangeu 82 alunos participantes que foram entrevistados e responderam o questionário.**

A escolha pela turma de 6º ano representa a transição entre o

primeiro ciclo do Ensino Fundamental para o amadurecimento que esta nova etapa do ensino exige, tanto para os pais, quanto para os alunos. O 9º ano representa o amadurecimento em processo avançado e a preparação e expectativa para o Ensino Médio (EM), também levando em consideração a fase de transição.

Os três anos do EM foram escolhidos para que fosse investigado, em diferentes níveis, a perspectiva de sucesso futuro percebida pelos educandos, já que são as últimas séries da educação básica, necessitando de um amadurecimento e organização para o ensino superior ou trabalho.

### **Instrumento de coleta**

Para a coleta de dados constituiu-se um questionário estruturado com questões fechadas, apresentado aos alunos, cujo o objetivo foi reconhecer nos números a possível influência do afastamento escolafamília no comportamento e aprendizado do aluno/estudante.

As questões elaboradas contemplam o grau de escolaridade das famílias e o interesse das mesmas no contexto escolar (participação em reuniões, auxílio nos estudos e na execução das tarefas) de seus filhos; o nível de frequência com que a escola solicita a presença das famílias; quais motivações induzem os alunos para permanecerem na escola; entre outros. O questionário possui dez perguntas e aborda os seguintes aspectos e objetivos:

- **“Sexo”** - computar o percentual feminino e masculino da nossa amostra de participantes para posterior análises e comparações com outras pesquisas.
- **“Qual é a sua idade?”** e **“Em qual série você estuda?”** - Estes questionamentos têm o objetivo de identificar os percentuais de idades com as séries avaliadas a fim de observar o enquadramento idade-série.
- **“Qual é o nível de escolaridade do seu pai?”** e **“Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?”** - Estas são duas perguntas muito importantes para a análise temática, pois, como retratado anteriormente, o ambiente familiar e a influência dos mesmos na vida do aluno/cidadão são

de extrema importância. É por esse motivo que identificar o grau de escolaridade dos responsáveis nos ajudaria a encontrar os principais pontos de dificuldades na relação das atividades e do amparo que esses tutores dão aos seus filhos.

- **“Com que frequência seus responsáveis vão à escola?”** - Neste sentido, houve o interesse em saber se havia assiduidade voluntária e espontânea das famílias na escola. Isto poderia nos trazer uma percepção em relação ao grau de comprometimento e importância nesta parceria.
- **“Quantas vezes por ano, aproximadamente, a escola solicita seus responsáveis?”** - Correlacionando a pergunta anterior, buscou-se, neste momento, uma perspectiva escolar, questionando com que frequência as instituições de ensino tentam aproximar-se dos pais. Essa questão é igualmente importante, pois através dela podemos avaliar como os alunos entendem a tentativa de relacionamento entre as instituições escola-família.
- **“Você costuma estudar em casa?”** e **“Seus pais costumam ajudá-lo na tarefa de casa?”**: Partindo da fala da professora que, também, nos motivou a este estudo, essas perguntas objetivam avaliar se há o devido suporte proporcionado pelas famílias desde o auxílio nas tarefas de casa até os estímulos na valorização da educação.
- **“Qual a motivação para vir à escola?”** - com esta questão, pretendemos entender o que faz o aluno permanecer na escola, mesmo passando por diversos conflitos. Busca-se, então, entender os objetivos futuros, anseios e perspectivas dos alunos. Nesta questão, em específico, buscamos analisar a parte sociopsicológica do aluno, buscando traçar um aspecto psíquico de possíveis motivações. Assim, colocamos as seguintes opções: “penso em construir um futuro promissor”, “meus pais me obrigam”, “gosto de conversar com os amigos”, “gosto de estudar”, e “outros”. Este último quesito dava a possibilidade de o aluno escrever o que o motivava, gerando uma participação espontânea do mesmo.

## **Resultados**

Após a aplicação do questionário e a partir das respostas obtidas, apresentaremos os dados obtidos a partir dos questionários aplicados aos alunos. Seguindo a ordem do questionário, responderemos a cada uma das questões com a apresentação dos seus respectivos dados resultantes.

A Tabela 1 apresenta os dados da distribuição dos alunos-



participantes quanto ao ano de ensino e sexo. Observamos a partir da Tabela 1 que, de modo geral, há o predomínio de alunas, exceto no 6º ano do Ensino Fundamental em que o número de alunos é superior ao de alunas, e ao 3º ano do Ensino Médio, em que o número de alunos e alunas é equivalente.

**Tabela 1** – Distribuição dos participantes por ano de ensino e por sexo

<b>Ano de Ensino</b>	<b>Sexo</b>	<b>Número absoluto por ano de ensino</b>	<b>Percentual por ano de ensino</b>	<b>Total de participantes</b>
6º ano	Feminino	4	36	11 (13%)
	Masculino	7	64	
9º ano	Feminino	14	64	22 (27%)
	Masculino	8	36	
1º ano E.M.	Feminino	15	63	24 (29%)
	Masculino	9	37	
2º ano E. M.	Feminino	8	62	13 (16%)
	Masculino	5	38	
3º ano E. M.	Feminino	6	50	12 (15%)
	Masculino	6	50	
<b>Total de participantes</b>	Feminino	47	57	82(100%)
	Masculino	35	43	

\* percentual entre parênteses

A Tabela 2 nos mostra que há um predomínio de alunos na faixa etária padrão esperada para o ano escolar (exemplo, ver o que os dados realmente mostram).

**Tabela 2** – Faixa etária dos participantes

<b>Ano de Ensino</b>	<b>Sexo</b>	<b>10 a 12 anos</b>	<b>13 a 15 anos</b>	<b>16 a 18 anos</b>
6º ano	Feminino	3 (43%)	3 (75%)	0
	Masculino	4 (57%)	1 (25%)	0
9º ano	Feminino	0	9 (65%)	5 (63%)
	Masculino	0	5 (35%)	3 (37%)
1º ano E.M.	Feminino	0	8 (57%)	7 (70%)
	Masculino	0	6 (43%)	3 (30%)
2º ano E. M.	Feminino	0	3 (100%)	5 (50%)
	Masculino	0	0	5 (50%)
3o ano E. M.	Feminino	0	0	6 (50%)
	Masculino	0	0	6 (50%)

\* percentual entre parênteses

**Tabela 3** – Nível de escolaridade parental para o Ensino Fundamental II

<b>Opção de Resposta</b>	<b>6º ano</b>	<b>9º ano</b>
--------------------------	---------------	---------------

	<b>Paterno</b>	<b>Materno</b>	<b>Paterno</b>	<b>Materno</b>
Do 1° ao 5° ano do Ensino F.	1 (9%)	1 (9%)	5 (23%)	5 (23%)
Do 6° ao 9° ano do Ensino F.	1 (9%)	1 (9%)	4 (18%)	4 (18%)
Ensino Médio	3 (27%)	1 (9%)	2 (9%)	7 (32%)
Ensino Superior	0 (0%)	2 (18%)	1 (5%)	2 (9%)
Não soube informar	6 (55%)	6 (55%)	10 (45%)	4 (18%)

\* percentual entre parênteses

A partir da Tabela 3 observa-se que cerca de 50% dos participantes do Ensino Fundamental não souberam informar a escolarização dos pais. Somente os participantes do 9° ano indicaram conhecer mais acerca da formação escolar das suas mães. No 6° ano, o nível escolar parental parece ser maior do que o do 9° ano. Os alunos do 6° ano indicaram que 27% dos pais tem escolarização ao nível de Ensino Médio, enquanto 27% das mães tem escolarização entre o nível médio e superior. Nenhum aluno reportou que o pai tenha nível de escolarização superior. Cerca de 20% dos pais e mães deste grupo parecem ter escolarização a nível fundamental. Estas constatações, ao mesmo tempo que trazem uma estimativa do grau de escolaridade dos pais, o que é útil para esta pesquisa, são pouco conclusivas sobre esse quesito, pois um número muito alto de alunos afirmou desconhecer a escolarização dos pais e das mães (55%).

No 9° ano, cerca de 50% dos pais e mães possuem escolarização apenas a nível fundamental. As mães deste grupo parecem ser mais escolarizadas do que os pais, pois 30% tem o nível médio de escolarização, segundo seus filhos. Contudo, não é possível fazer essa afirmação de modo seguro, pois o percentual de desconhecimento da escolaridade dos pais é bastante superior (45%) ao percentual de conhecimento da escolarização das mães (18%).

**Tabela 4** – Nível de escolaridade parental para o Ensino Médio

<b>Opções de Respostas</b>	<b>1° ano</b>		<b>2° ano</b>		<b>3° ano</b>	
	<b>Paterno</b>	<b>Materno</b>	<b>Paterno</b>	<b>Materno</b>	<b>Paterno</b>	<b>Materno</b>
D 1° ao 5° ano do Ensino F.	3 (12,5%)	2 (8,3%)	1 (7,7%)	1 (7,7%)	1 (8,3%)	0 (0,0%)

Do 6° ao 9° ano do Ensino F.	4 (16,7%)	3 (12,5%)	2 (15,4%)	2 (15,4%)	1 (8,3%)	2 (16,7%)
Ensino Médio	9 (37,5%)	11 (45,8%)	2 (15,4%)	3 (23,1%)	4 (33,3%)	4 (33,3%)
Ensino Superior	4 (16,7%)	5 (20,8%)	6 (46,2%)	5 (38,5%)	4 (33,3%)	5 (41,7%)
Não soube informar	4 (16,7%)	3 (12,5%)	2 (15,4%)	2 (15,4%)	2 (16,7%)	1 (8,3%)

\* percentual entre parênteses

É possível perceber na tabela 4, para o 1° ano do Ensino Médio, uma concentração de pais e mães com escolaridade até o Ensino Médio. Enquanto que, no segundo e terceiro anos, maior quantidade de responsáveis com ensino superior. Vale lembrar que há alunos que não souberam informar a escolaridade parental.

**Tabela 5 – Nível de frequência dos pais**

Opções de Respostas	Ensino Fundamental II		Ensino Médio		
	6° ano	9° ano	1° ano	2° ano	3° ano
Sempre	1 (9%)	3 (14%)	0 (0%)	1 (8%)	2 (17%)
Algumas Vezes	3 (27%)	10 (45%)	5 (21%)	3 (23%)	2 (17%)
Nunca	2 (18%)	5 (23%)	2 (8%)	3 (23%)	0 (0%)
Só vão quando solicitamos pela escola	5 (46%)	4 (18%)	17 (71%)	6 (46%)	8 (66%)

\* percentual entre parênteses

Nota-se que no 6° ano, a maioria dos alunos (46%) relataram que seus pais somente vão à escola quando solicitados, já no 9° ano, a presença voluntária da família é maior (45%). No 1° ano do Ensino Médio, 71% dos alunos relataram que a presença da família está condicionada à solicitação da escola, 46% dos alunos do segundo e 66% do terceiro ano, acompanham esta tendência.

**Tabela 6 – Solicitação da presença dos pais pela escola**

Opções de	Ensino Fundamental II	Ensino Médio
-----------	-----------------------	--------------

<b>Respostas</b>	<b>6º ano</b>	<b>9º ano</b>	<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º ano</b>
2 vezes por ano	3 (27%)	4 (18%)	5 (21%)	3 (23%)	0 (0%)
2 a 4 vezes por ano	1 (9%)	2 (9%)	6 (25%)	3 (23%)	9 (75%)
4 vezes ou mais	2 (18%)	6 (27%)	2 (8%)	1 (8%)	1 (8%)
Nunca	5 (46%)	10 (46%)	11 (46%)	6 (46%)	2 (17%)

\* percentual entre parênteses

É perceptível, através dos dados, que a maior parte dos pais nunca compareceram à escola (segundo os alunos), tendo um percentual nas turmas de 6º, 9º, 1º e 2º com uma taxa de 46% em relação aos participantes do questionário. Os outros dados trazem uma relação de pouca frequência dos responsáveis na instituição, ponderando, na maior parte, entre duas e quatro vezes por ano.

**Tabela 7 – Estudar em casa**

<b>Opções de Respostas</b>	<b>Ensino Fundamental II</b>		<b>Ensino Médio</b>		
	<b>6º ano</b>	<b>9º ano</b>	<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º ano</b>
Sim	6 (55%)	4 (18%)	9 (38%)	4 (31%)	5 (42%)
Somente para fazer a tarefa de casa	4 (36%)	16 (73%)	13(54%)	9 (69%)	6 (50%)
Não	1 (9%)	2 (9%)	2 (8%)	0	1 (8%)

\* percentual entre parênteses

Ao questionarmos sobre as relações de estudo, percebe-se que a maior parte dos alunos entrevistados revisam ou retomam aquilo aprendido em sala. A maioria assim o faz apenas para desenvolver a atividade de casa solicitada pelo professor. A outra parte com grandes índices, principalmente no 6º ano, superando as outras turmas com 55%, é composta de alunos que estudam em casa não apenas para as atividades, mas para revisar o conteúdo abordado pelo professor em sala de aula. Um fator interessante é que 0% dos alunos do 2º ano deixam de rever os assuntos de alguma maneira.

**Tabela 8 – Auxílio dos pais nos Estudos**

<b>Opções de Respostas</b>	<b>Ensino Fundamental II</b>		<b>Ensino Médio</b>		
	<b>6º ano</b>	<b>9º ano</b>	<b>1º ano</b>	<b>2º ano</b>	<b>3º ano</b>
Sim	5 (46%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Às vezes	4 (36%)	13 (59%)	5 (21%)	3 (23%)	3 (25%)
Não	2 (18%)	9 (41%)	19 (79%)	10 (77%)	9 (75%)

\* percentual entre parênteses

Sobre o auxílio das famílias nos estudos, 46% dos pais dos alunos do 6º ano ajudam com frequência nas tarefas e pesquisas encaminhadas pela escola, conforme os participantes. A maioria dos pais dos alunos do 9º ano, ajudam em menor frequência. No Ensino Médio, a tendência familiar para o auxílio nas tarefas e pesquisas é considerada muito baixa, o percentual nos três anos do EM varia na faixa dos 70% para o pouco assessoramento familiar. Uma das causas prováveis é a maior autonomia dos adolescentes para o estudo.

**Tabela 9** – Motivação para ir à Escola

Opções de Respostas	Ensino Fundamental II		Ensino Médio		
	6º ano	9º ano	1º ano	2º ano	3º ano
Penso em construir um futuro promissor	6 (55%)	16 (73%)	16 (67%)	9 (69%)	10 (84%)
Meus pais obrigam	1 (9%)	0 (0%)	2 (8%)	0 (0%)	1 (8%)
Gosto de conversar com os amigos	0 (0%)	2 (9%)	1 (4%)	1 (8%)	1 (8%)
Gosto de Estudar	2 (18%)	3 (14%)	3 (13%)	0 (0%)	0 (0%)
Outros	2 (18%)	1 (4%)	2 (8%)	3 (23%)	0 (0%)

\* percentual entre parênteses

Quanto as motivações dos alunos, a tabela 9 demonstra que a maior parte dos alunos entrevistados permanecem na escola interessados em um futuro melhor e adequado, totalizando 55% dos alunos do 6º ano, 73% no 7º, 67% no 1º, 69% no 2º e 84% no 3º ano. Pouquíssimos alunos atentaram para a ideia do estudo como uma obrigação gerada pelos pais, com percentuais de 0% no 9º e 2º ano, 1% no 6º e 3º e 2% no 1º ano. Outro fator motivador é o ambiente escolar como um espaço de convívio social. Relacionado a isso, houve uma porcentagem baixa, obtendo 1% nas turmas do Ensino Médio, 2% no 9º ano e 0% no 6º ano.

## DISCUSSÃO

Esta pesquisa procurou compreender a relação família-escola

através da visão dos alunos, pois entendemos a necessidade de dar voz ao principal ator desta relação – o aluno.

Quaisquer desentendimentos ou desencontros entre estes agentes sociais refletirá, profundamente, na perspectiva de futuro da juventude, já tão acometida pelas desigualdades encontradas em nosso país. Portanto, é imprescindível buscar em seus discursos as inquietações que os mantêm estagnados em suas condições sociais, culturais e intelectuais e em seus desejos, projetar possíveis soluções.

Compreendendo os objetivos, é possível compreender que a relação escola-família transita entre a dicotomia cultural e a união desejável (PARO, 1995; ANTUNES, 2013). Há, desta forma, um paradoxo que necessita ser esclarecido rapidamente a fim de estreitar os laços e diminuir os prejuízos causados por esta separação de funções ao aluno (ANTUNES, 2013).

Isto posto, as demais informações obtidas com esta pesquisa indicam que na atual conjuntura do desenvolvimento e da formação dos alunos, o cenário mostra-se, apesar destas desigualdades e dificuldades, que o aluno ainda aprecia estar no ambiente escolar e percebe, neste espaço, um provedor de melhoria na perspectiva de sua vida. A seguir, discutiremos os pontos levantados nesta pesquisa de maneira mais pontual.

Partindo para a relação de frequência escolar entre os sexos (Tabela 2), pode-se afirmar que há um percentual maior de mulheres matriculadas nas turmas do que de homens. Isso reforça estudos estatísticos desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- IBGE (2003) e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- Pnad (2016), que demonstram a crescente tendência do número de mulheres ocupando as cadeiras das instituições educacionais. Não é possível compreender integralmente quais os fatores impulsionando esta tendência, tendo em vista a carência de estudos de viés quantitativo sobre esta realidade.

Referente à taxa de distorção idade-série (Tabela 2), não foi observado desconformidade no enquadramento dos alunos, de modo que, todos seguem os padrões de faixa etária exigidas pela legislação própria

para as séries determinadas. (BRASIL, 1996). O Centro de Políticas Públicas do Insper (2015), instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa, registrou queda no número de alunos com defasagem na distorção idade-série desde 2009. Nossos estudos convergem com esta realidade.

Um aspecto secundário, mas não menos importante neste conteúdo, é a aparente diferença experimentada na realidade da escola pública e da escola privada, quanto à escolaridade parental (Tabelas 3 e 4). A desigualdade nos aspectos educacionais poderá influenciar negativamente os alunos da rede pública de ensino, uma vez que as famílias menos escolarizadas parecem reconhecer em menor escala o capital cultural em comparação aos pais dos alunos da rede privada (LAHIRE, 2007). Este resultado é mais especulativo do que absolutamente verificável nos dados desta pesquisa, pois os alunos da rede pública, em sua maioria, não souberam informar a escolaridade parental.

A escolaridade parental é um dos fatores que tem se mostrado importantes para o desenvolvimento intelectual do aluno, pois a família apresenta-se como primeiro núcleo de convívio social, propagadora e incentivadora na formação de repertórios comportamentais e culturais (DESSEN & POLONIA, 2007) sobre os quais os estudantes alicerçam seus interesses e traçam projetos para suas vidas futuras como adultos, cidadãos e futuros profissionais.

O documento "PISA no Brasil 2015", coordenado pela OCDE, informou o índice do nível educacional dos pais brasileiros por tipo de escolas. Em média, os pais dos estudantes de escolas particulares apresentaram mais anos de estudos (média de 14,84 anos) que os pais das escolas estaduais (média de 11,9 anos). Estes dados confirmam a expectativa de que a ascensão econômica dá-se através da escolarização, e confirma o que é indicado nos dados desta pesquisa, pois nos nossos dados a taxa de escolarização parental mostrou-se maior no Ensino Médio, representado pela escola privada.

Quanto à frequência voluntária e espontânea das famílias na escola (tabela 5), o 6º ano apresentou dados estatísticos interessantes, haja visto o

percentual elevado dos alunos alegando que as famílias somente comparecem à escola quando solicitadas pela mesma.

As atitudes destes familiares para com esta etapa educacional tão importante de seus filhos podem determinar o modo como estes alunos passarão a encarar a educação durante suas trajetórias escolares, pois conforme Alves (2007), o sucesso na educação está diretamente relacionada com a consciência de valorização que as famílias tem em relação à educação de seus filhos.

O 9º ano registrou maioria na presença voluntária da família, neste sentido, a preocupação com chegada do Ensino Médio possa justificar esta postura, ou então lançamos como hipótese, a necessidade de acompanhar o comportamento de seus filhos para motivar a ida destes pais à escola.

Quanto ao Ensino Médio, é compreensível a ausência da família nestas faixas de idade, uma vez que os alunos costumam possuir certa autonomia no trato com a escola.

A convocação obrigatória dos pais feita pela escola (Tabela 6), segundo o relato dos alunos do 3º ano do EM, dá-se entre duas a quatro vezes por ano, este dado confirma a quantidade de vezes que, geralmente, a escola convoca os pais, baseando-se no encerramento dos bimestres ou, possivelmente, pela cobrança de resultados nos vestibulares.

Entretanto, as demais turmas relataram, em sua maioria, que seus pais nunca são convocados. Entendemos que a pesquisa foi realizada entre os meses de abril e maio e, teoricamente, os alunos não teriam uma noção anual, porém, o calendário da escola, até aquele momento, já teria contemplado, pelo menos, o primeiro bimestre. Isto nos causou um certo estranhamento em relação às ações organizacionais das instituições de ensino, levando-se em consideração a percepção do aluno.

A Tabela 7 retrata a rotina de estudo dos alunos em seus lares. Os dados da escola A, em suas duas séries, registra que seus alunos mantêm a prática de estudar ou retomar o conteúdo aprendido em sala através das atividades para a casa. Este cenário se repete em todo o Ensino Médio.

A Tabela 8 está totalmente associada às tabelas 2 e 7, pois estabelece relação do auxílio dos pais nas atividades escolares de seus filhos com o



nível de escolarização das famílias e a valorização dos estudos.

Na escola A, os alunos do 6º ano registraram que seus pais, em sua maioria, sempre ajudam nas tarefas, enquanto que, no 9º ano do Ensino Fundamental, a frequência diminuiu um pouco. Podemos entender este decréscimo como menor dependência neste auxílio por parte dos alunos. O Ensino Médio manteve esta tendência e demonstrou um número expressivo de pais que não auxiliam em nenhum momento as atividades escolares.

Vale ressaltar que Paro (1995) aponta como determinante na privação de assistência familiar nas atividades, fatores como, condições materiais e falta de local adequado para o estudo, escassez de tempo e o cansaço dos pais que trabalham, maior autonomia pela faixa de idade ou até mesmo, o nível de conteúdo, que pode ultrapassar a compreensão de alguns pais.

A Tabela 9 reflete as impressões demonstradas ao longo da discussão, já que há um clima de otimismo em relação à motivação dos alunos para frequentarem a escola. A maioria deles, contemplando as escolas A e B, compreende a representatividade da escola como passaporte para alcançarem o sucesso escolar.

Percebemos contínua ascensão nesta perspectiva, pois o aumento da taxa de escolarização familiar poderá influenciar positivamente a disposição para o ensino bem-sucedido dos estudantes, sobretudo na escola pública, contrariando todos os pensamentos pessimistas neste cenário, como afirma este estudo logo abaixo.

Dados do Censo Escolar de 2016 afirmam que apesar dos alunos das redes pública e privada apresentarem um risco similar de insucesso (reprovação e abandono) no primeiro ano do Ensino Fundamental, nas séries subsequentes o risco de insucesso dos alunos matriculados na rede pública é consideravelmente superior.

Em 2015, aproximadamente 32 mil alunos de 964 escolas, foram avaliados no exame do PISA. Neste ano, a avaliação foi realizada integralmente no computador e contemplou as áreas de Ciências, Matemática, Leitura, Resolução Colaborativa de Problemas e Competência Financeira. O desempenho dos alunos no Brasil está abaixo da média dos

alunos em países da OCDE em ciências (401 pontos, comparados à média de 493 pontos), em leitura (407 pontos, comparados à média de 493 pontos) e em matemática (377 pontos, comparados à média de 490 pontos).

A OCDE ressaltou que o Brasil ter expandido o acesso escolar a novas parcelas da população de jovens é um sinal bastante positivo para a evolução deste panorama, mas ressaltamos que os avanços ainda são tímidos e, a falta de maior participação familiar no contexto escolar dos estudantes pode representar um dos fatores deste cenário preocupante.

### **Considerações finais**

Neste estudo, buscou-se compreender a relação família-escola a partir das realidades vivenciadas no campo de pesquisa, que foi também os locais dos estágios supervisionados dos dois primeiros autores, e investigou-se como estes agentes sociais articulam-se no intuito de proporcionar um ambiente favorável para a formação significativa dos alunos.

Com base no suporte teórico apresentado e nos dados estatísticos das agências nacionais e internacionais para a Educação, é possível perceber uma evolução no cenário escolar nas últimas décadas.

Há uma conformidade na adequação dos alunos quanto ao enquadramento das idades para as séries pretendidas e, em geral, os indivíduos estão mais escolarizados. Ademais, os documentos oficiais norteadores da educação brasileira estão mais preocupados com a formação plena do aluno.

Desta forma, constatou-se uma apreciação positiva por parte dos alunos em relação ao ambiente escolar, já que os dados desta pesquisa comprovam que a maior parcela dos alunos vislumbra, neste espaço, uma provável oportunidade para a ascensão social, profissional e cultural.

Apesar da motivação, favorável ao progresso educacional do aluno, concluiu-se que a escola e família ainda precisam estabelecer uma relação entre si, visto que há uma participação insuficiente dos pais nos contextos escolares de seus filhos e uma baixa solicitação da escola para a presença deles.

Este é um fator angustiante, pois a relação família-escola estabelecida de maneira positiva e engajada contribui, consideravelmente, para o bom desempenho do aluno, conforme já apresentado pela literatura apresentada e debatida neste estudo.

Contudo, os dados apresentados por organismos internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostram, através de avaliações realizadas pelo PISA, que o Brasil está abaixo da média entre os países da organização acerca do desempenho em leitura, escrita e matemática, que são disciplinas fundamentais para o ensino.

Em vista disso, esta pesquisa é importante, pois evidencia um problema pouco explorado, sobretudo nos seguimentos analisados, mas que possui a necessidade de ser debatido regularmente. Há um vasto campo de estudos relacionados aos índices educacionais, porém o aproveitamento destes dados para fomentar a relação família e escola ainda é limitado, tendo-se em vista a dificuldade de encontrar-se pesquisas de naturezas empíricas com esta proposta.

Uma proposta que parece ser favorável a fim de melhorar este problema, é a criação de programas de valorização desta relação, partindo de novas possibilidades integradoras promovidas, principalmente, pela escola, dentro do ambiente escolar. A intenção é que a escola reconheça na família e vice-versa um recurso primordial para assegurar um ensino de qualidade e um bom desempenho social e intelectual.

### **Referências bibliográficas**

ALVES, Fátima. Escolhas familiares no contexto da estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações. *Dados*, vol. 53, n° 2, 2010.

ANTUNES, Celso. 9 Passos para uma escola pública de excelente qualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 4ª ed. São Paulo/SP. Moderna. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96. Brasília. MEC. 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Estatuto da Criança e do Adolescente

8069/90. Brasília. MEC. 2004.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm)> Acesso em: 30 outubro 2018.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Scielo 37. Brasil, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, p.21-32, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 5 de outubro 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p. ISBN 978-85-385-4240-7.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GUZZO, R. S. L. (1990). A família e a educação: uma perspectiva da integração família- escola. Estudos de Psicologia (Campinas), 7 (1), 134-139.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- Pnad Educação- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2016. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/95090ddfb63a3412f04f-edafdf6d65469.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/95090ddfb63a3412f04f-edafdf6d65469.pdf)>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

INSPER- Centro de Pesquisas em Políticas Públicas. Panorama Educacional Brasileiro. 2016. Disponível em: [https://www.insper.edu.br/wpcontent/uploads/2018/09/20170407\\_panorama-educacional-brasileiro2016.pdf](https://www.insper.edu.br/wpcontent/uploads/2018/09/20170407_panorama-educacional-brasileiro2016.pdf) . Acesso em 10 de novembro de 2018.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MARQUES, R. *Professores, família e projecto educativo*. Porto, PT: Asa Editores, 2001. In:\_\_\_\_. DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. Scielo 37. Brasil, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, p.21-32, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e Escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. Educação e Realidade, p.155-170, jul. 2006. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rer/v31n02/v31n02a10.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018. PARO, Vitor Henrique. Por dentro da

Escola. 2ª edição – São Paulo: Xmnã, 1996.

PAROLIN, Isabel. Pais e Educadores: quem tem tempo de educar? 2ª ed. Porto alegre – Mediação, 2010.

Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes. Brasil no PISA 2015. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015\\_complet\\_o\\_final\\_baixa.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa2015_complet_o_final_baixa.pdf). Acesso em: 19 de novembro de 2018.

VEIGA, Ilma Passos A. Escola: Espaço do Projeto político-pedagógico. Campinas, SP: Papyrus, 1998. Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico.

### **Abreviações e siglas**

**ECA** – Estatuto da criança e do Adolescente

**E.F.-** Ensino Fundamental

**E.M.-** Ensino Médio

**FGV-** Fundação Getúlio Vargas

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

**INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

**LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional

**OCDE** – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

**PNAD** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

**PISA** – Programa Internacional de Avaliação do Estudantes